

Apresentação

Grande parte da história da Lingüística Brasileira contemporânea se confunde com a de Ataliba Teixeira de Castilho, principalmente no que diz respeito ao seu talento para aglutinar interesses, formar grupos de trabalho, instigar novos projetos e apoiar iniciativas de jovens pesquisadores. Eu o conheci muito antes de vê-lo pela primeira vez, entre uma aula e outra, pelos corredores do prédio de Letras da Universidade de São Paulo, lá por 1992. Naquele momento, a onipresente figura de Ataliba era quase um mito para mim, que estava envolvida em reunir as últimas peças do que seria meu primeiro ensaio em historiografia lingüística brasileira. Ataliba de Castilho parecia se encaixar em todas elas.

Lá estivera ele no final da década de 1950, fazendo parte do círculo de alunos da Faculdade de Filosofia da USP que gravitavam em torno de Robert Henri Aubreton (1909-1980), na Escola da Praça – como então a chamavam aqueles que se reuniam na Escola Caetano de Campos, na Praça da República em São Paulo – para horas extras de estudo sobre lingüística e literatura gregas.

Seu nome aparecia, logo depois, na década de sessenta, entre os que trabalhavam por uma programação unificada de Lingüística e Língua Portuguesa para alunos das Faculdades de Letras isoladas que se criaram no interior de São Paulo; entre os que buscavam articular ‘novas’ metodologias de análise lingüística com ‘velhos’ currículos; entre os que preparavam um projeto coletivo de edição de uma coletânea de textos básicos de Lingüística; entre os que procuravam organizar o campo, promovendo encontros, debates, se-

minários (V. CEDAE-IEL/ Unicamp, *Fundo Ataliba de Castilho*, D.01, D.02).

O nome de Ataliba também constava entre os criadores do mais que bem sucedido *Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo* (GEL), em 1969, hoje celebrando seu quinquagésimo seminário e a publicação ininterrupta, desde 1978, dos *Estudos Lingüísticos. Anais de Seminários do GEL*. E, como já era de se esperar Ataliba estava entre os fundadores da primeira associação nacional de lingüistas no Brasil, a ABRALIN, criada em 1969.

A idéia de criação da ABRALIN, aliás, vinha gestando desde 1966, quando, mais uma vez, estivera à frente dos que promoveram o *I Seminário de Lingüística*, na Faculdade de Marília, que teve a proeza de reunir, pela primeira vez, Mattoso Câmara (1904-1970) e Theodoro Henrique Maurer (1906-1979). O primeiro, reconhecido por essa geração, e por todas as que lhe seguiram, como o primeiro lingüista brasileiro, ou seja, como o primeiro autor de uma análise sincrônica do Português; e o segundo, respeitado romanista, paradigma incomparável da lingüística indo-européia. Dicotomia, hoje, mais que neutralizada, mas que constituía um dos pontos de ebulição da incipiente institucionalização de uma disciplina lingüística brasileira.

Foi também Ataliba que, logo depois, em 1971, também em Marília, promoveu o *I Seminário de Pós-Graduação em Lingüística* para discutir a resolução federal que regulamentava os cursos de pós-graduação do país. Desta vez reuniu muita gente: de línguas indígenas, de língua portuguesa, de literaturas, de lingüística, de filologia, de línguas estrangeiras. Era o primeiro sinal de amadurecimento de uma geração acadêmica formada totalmente no Brasil.

Ao mesmo tempo em que promovia todas essas atividades, Ataliba não abriu mão de participar ativamente dos *Institutos Interamericanos* do PILEI e dos *Congressos* da ALFAL, incluindo o Brasil no circuito organizador dos Institutos e Congressos que as duas maiores associações latino-americanas promoveram. Entramos honrosamente nesta lista, não só pelo *II Congresso* da ALFAL, realizado em 1969 na Universidade de São Paulo, sob a Presidência de Mattoso Câmara; mas também pelo *V PILEI*, em 1980 e pelo *IX Congresso* da ALFAL, em 1990, ambos promovidos pela Universidade de Campinas, onde então atuava Ataliba de Castilho, e agora, no *XIII Congresso*, em Costa Rica, sob sua Presidência.

Não foi apenas na institucionalização do campo de estudos lingüísticos que Ataliba atuou. Pelo contrário. Sem bairrismos, promoveu a renovação organizacional e temática da ‘ala brasileira’ do Projeto NURC (*Projeto Norma Urbana Culta*, de 1964, coordenação geral de Juan M. Lope Blanch); aglutinou um impensável grupo de lingüistas de todos matizes, orientações, formação e convicções, em torno do *Projeto da Gramática do Português Falado* (8 vols.); repetiu a façanha no *Projeto para a História do Português Brasileiro* (3 vols.) e nos move a todos, agora, pelo sonho de ver gravitar em torno da ALFAL, lusitanistas, hispanistas e americanistas reunidos em projetos comuns, sujeitos da própria língua, cultura, história, e do conhecimento que sobre eles podemos construir. Tudo isso pode ser buscado nos seus inúmeros textos, livros, currículo.

Diferentemente, o presente *Boletim*, que se integra ao projeto *Primeira Pessoa do Singular* (CEDOCH-DL/USP), procura registrar uma pequena parte da ‘outra história’ de Ataliba, aquela que, em geral, não se publica, não consta dos prefácios e introduções, não está à

disposição nos *Anais*, e tampouco costuma fazer parte das tradicionais ‘*mélanges*’: a visão do próprio Ataliba de si mesmo, o que pensa do futuro da lingüística latino-americana; e a visão que sobre ele têm alguns dos seus contemporâneos.

A primeira parte – *Ataliba de Castilho, por Ataliba de Castilho* – procura registrar a percepção de Ataliba, de si mesmo, dos vários momentos que vivenciou e dos processos por que passou, na sua trajetória pelo campo da Lingüística Brasileira. Este texto, narrado em ‘primeira pessoa do singular’, resulta do amálgama de duas entrevistas por ele concedidas, em momentos bastante distantes um do outro. A primeira entrevista, não gravada, foi a mim concedida, no seu espartano gabinete da Universidade de São Paulo, no final de 1992, quando finalizava minha tese de doutorado. Da segunda, mais recente, gravada em setembro de 2001, se encarregaram duas jovens pesquisadoras do CEDOCH, minhas orientandas, Aline Cruz e Olga Coelho. Como das vezes anteriores, a presente edição omite as perguntas, altera a ordem de certas informações, evita as repetições e digressões naturais da fala, mas procura não trair a espontaneidade e o teor dos comentários do entrevistado. Felizmente, Ataliba de Castilho está por perto o bastante, mais ativo do que nunca, para contribuir na revisão da versão final do texto, tal como segue publicado.

A segunda parte do *Boletim – Novas Cartografias Lingüísticas* – reedita, com pequenas alterações, dois textos recentemente proferidos por Ataliba de Castilho, quase programáticos, sobre a lingüística latino-americana e os desafios que o século vindouro imporá a nós. Embora se recubram parcialmente, optamos por mantê-los na íntegra, nas línguas em que foram originalmente escritos pelo autor, inglês e português, na esperança de fazer nossa mensagem chegar de

forma acessível aos colegas da *North American Society for the History of the Language Sciences* e da *Henry Sweet Society for the History of Linguistic Ideas*. Aos estimados colegas da *Sociedad Española de Historiografía Lingüística* e da *Sociedad Mexicana de Historiografía Lingüística* pedimos sinceras desculpas por não nos arriscarmos (ainda) a verter nossos textos para o espanhol. Fica a promessa de tentarmos da próxima vez. O mesmo vale para os colegas da *Société d'Histoire et Epistémologie des Sciences du Langage*, que também nos perdoarão o bairrismo, com certeza.

A terceira parte do *Boletim – Ataliba: o lingüista, o professor e o amigo* – reúne apenas uma parte dos depoimentos sobre os ‘vários Atalibas’ que devem existir. Não todos, isso é certo. Faltam ainda muitos daqueles que gostariam de ter deixado aqui seu depoimento, devido às pressões de tempo que nos impõe a vida acadêmica, aos compromissos anteriormente assumidos, aos imprevistos-não-previsitos, aos imprevistos-previstos, e, principalmente à certeza de que haverá, muitas e muitas outras oportunidades para homenagear Ataliba de Castilho. Em várias línguas.

Mais que lingüista brasileiro, Ataliba Teixeira de Castilho é lingüista latino-americano. Impossível para ele pensar o Brasil sem pensar a Latino-América, em nossas raízes comuns, em nosso presente, em nosso futuro. A ele, nossos agradecimentos por nos fazer lembrar disso sempre.

São Paulo, dezembro de 2001

Cristina Altman